

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anua.....	8\$000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

«Es jam non sicut parvi factantes, et circumstantur quasi venti doctrina,
in regibus homines, in aetate ad circumstantur...»
(S. Paulo, ad Ephesus, Epistola Cap. V. v. 14)

Maranhão, 10 de Fevereiro de 1881

Propriedade de uma associação

Appello a philanthropia maranhense.

O sr. Zacharias Marcondes Nogueira, ex-mordomo do bispo diocesano e victima da violencia, que hoje narramos em outra parte do jornal, achava-se sem recursos e por isso impossibilidade de seguir para São Paulo, sua terra natal. A Redacção d'O Pensador, no louvavel intuito de proteger um compatriota infeliz e de corrigir o procedimento pouco evangelico do actual diocesano, resolveu appellar para a proverbial philanthropia do povo maranhense afim d'auxilia-l'n'este empenho de honra.

A subscrição fica desde hoje aberta no escriptorio deste jornal, á rua da Palma n. 30.

Redacção d'O Pensador . . 20\$

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE FEVEREIRO DE 1881.

Que cavalleiro é aquelle que, á toda a brida, se precipita n'uma das estradas que vão da França á Italia? Quem aquelle nobre mensageiro que veloz transpõe esse espaço que media entre Paris e a cidade eterna?

Aquelle homem é um embaixador que Carlos IX, o rei Christianissimo, envia a seu pai em Christo—Gregorio XIII. É um fidalgo, é um nobre, é um filho legitimo da raça dos conquistadores francos que espelharão a Gallia. Sua nobreza nasceu com a monarchia que seus avós sustentaram. Seus antepassados deram va-lentes soldados ao throno, e audazes guerreiros ás cruzadas. Trabalharam pela realteza e pela Egreja.

E por isso vede como elle caminha garboso sobre a flancoscor da monte de seu gentil palafre. A cada salto rapido de seu agil ginece sentese o relinhar das pernas de sua soberba armadura. A espada que lhe cinge o lado como affaga voluptuosa o xarrel púrpuro que se estende debaixo da sella? Quanta gallardia, quanta nobreza, quanta elegancia, se patenteiam em seu rosto a meio sombreado pelo opulento pancho que coroa o cimó que traz semi-erguido! Ah! é um filho dilecto d'essa nobre raça de cavalleiros que partiam para a Palestina levando no coração a santa divisa—DIES, PAX et AMON!

E depois que luzida comitiva o acompanha! Que luxo de pagens, de escudeiros, lhe segue a marcha precipitada! Que opulencia nas bordadas vestes de seus servos que, alegres, jubilosos, o escoltam como se escolta um triumphador! Que panorama ridente n'esta louca cavalgada que se desdobra como uma tela de veludo e ouro nos ricos campos da França!

Mas, onde vai elle com tão luzido apparato? Para onde caminha este filho dos nobres que acaba de deixar Paris, a magica cidade em que vivem seu rei e sua amante? Como abandonou elle a corte, em que cada dia se é coroado por um triumpho, para ir percorrer a longa distancia que vai da metropole das Valois á imponente sede dos Papas?

Mas não; não é o capricho que o leva alli. Ha uma razão d'estado que o faz caminhar assim velozmente. Seu rei desce-lhe que partisse—elle partio. Destina-lhe uma mensagem honrosa, —vai cumpri-la. Podeis ler-lhe na physiognomia risada o jubilo que senelante honra lhe causa. Caminha como o representante de um rei. Vale a pena transportar centenas de leguas para ter tão subito encargo.

Carlos IX—o sagrado e virtuoso monarcha da França, acaba de saber da exaltação ao solio pontifical, do metelo Gregorio XIII. Digno descendente do rei cavalleiro, com a cortezia de um fidalgo de sangue azul, manda empunhear seu pau espectral. Quer que o Papa comprehenda que a França nunca deixa de ser a filha dilecta da Egreja Catholica. Quer que a curia romana tome em conta a extrema obsessividade em ser dos primeiros a saudar o egregio successor de S. Pedro. Quer ser lisongeiro finalmente.

E depois elle não manda só empunhamentos. Ha alguma coisa mais solida na sua mensagem. O embaixador leva um prezente digno do Papa. É uma joia, um diamante, um thesouro inestimavel. É uma galantaria, um d'esses mimos inappreciaveis que os monarchas trocam urbanamente entre si. É uma precisidade, uma d'essas coisas que só uma vez vêm á terra para deslumbrar os homems.

É e dentro de um caixa de veludo que vai o regio prezente. Os servos do embaixador levam-no com uma precaução enorme. Seu amo a cada momento lhes recommenda o maior desvelo. É preciso que a joia nada sofra no caminho. Conven que chegue perfeita ás mãos do santo Pontifice. Que jubilo que elle terá em recebê-la? Que benções não choverão sobre a França o solio de seu rei! Quantas indulgencias não baixarão sobre o reino que faz tão rico presente ao Papa!

Mas a cavalgada prosegue na sua rapida jornada. Ella que transpõe os Alpes e que se interna nas planicies fertis do Milanéz. Ella que se aproxima rapidamente de Roma. Já da cupida de S. Pedro pode-se ver os vultros nobres dos cavalleiros que marcham garbosos nas campinas de Roma.

Chegam finalmente. A capital do Vigario de Christo toda enbanheirada e alegre abre a porta para recebê-la. Uma alegria descommodada inunda o rosto dos belllos filhos da Italia. A filha de Bomanio ataxia-se com todas as suas galas para receber a regia offerta, o prezente mimo destinado a seu rei infallivel!

O Papa nos apesentes da Vaticano sabe da chegada do mensageiro francez. Vestesse pressurioso com a sua dalmatica braupustima, imagem da pureza do cordeiro manchado de que é o digno representante na terra. Orna sua frente com a coroa de trez aros, symbolo dos trez poderes que lhe são concedidos pelo ciro. Pega no toco cajado de ouro e de pedrarias, emblema da sua missio evangelica, como pobre pastor que apascenta

as ovelhas christans. Sobre a seu throno mespindo sombreado por um decore de púrpura franjado de ouro. Manda entrar o embaixador com o santo e virtuoso sorriso da sua benevolencia nos labios. Oh! como vai ser santa a entrevista entre o enviado do rei Christianissimo e o Vigario do martyr do Golgotha!

O enviado entra no sagrado recinto. Ao entrar curva-se ante a singela magestade do Papa. Caminha perem para o throno, e sobregando o caixa de veludo apella nos seus degraus. Beija a chão trez vezes, e então, sem poder, feliz, articula uma palavra, abre a um accio do Pontifice, o rico cofre que trazia.

Uma cabeça humana rola ante o throno papal...

Que rica joia para um Papa!...

E estava alli aquella cabeça lírida, munda, gelada. Havia dias que tinha sido cortada. Sua decomposicão ja adiantada. Já os vermes começavam a avar vida n'aquelle espelho da morte. Já a materia que constitue aquelle motor do pensamento entrava a esphacelar-se.

E contudo como ella era bella aos olhos do Papa! Aquellas faces truficadas, mais que lívidas—negras, quantos encantos tinham a seus paternas sentimentos! Aquelles olhos sabagalhados, vitreos, sem luz alguma, nublados a um mar de paz que os envolvia sinistro, como eram gratos ao santo Vigario de Deus! Aquellas carnes putrefactas, asquerosas, nauseabundas aquelles cabellos empastados em sangue, aquella bocca corroída de vermes, exhalando um fetido cheiro, aquelle pescoço cortado em que o sangue estancando-se deixara na base uma pasta informe de carne anegrala, tudo aquillo, enfim, era uma regalia para o Papa. Os olhos do successor de S. Pedro não se fariavam em contemplar aquella cabeça. Nem o repugnante do espectaculo os podia desviar. Nem o cheiro acre d'aquelle podridão sinistra. Nem a reflexão sobre a maneira violenta pela qual aquella cabeça ali viera rolar. Nada, nada, enfim, podia apartar o Santo Padre da snave contemplação d'aquelle joia preciosa.

E que a cabeça que estava alli era a de Gaspard de Coligny. Era o espelho d'aquelle que fora amante de França. Era os restos d'esse homem possente que tinha feito tremor os thronos e as thieras. Era a reliquia da existencia d'aquelle que fora a alma do catholicismo, d'aquelle que em França defendida com sua espada de cavalleiro os progressos da Reforma. Era a cabeça de um apostolo da França com o sangue generoso de seus correligionarios.

E por isso Carlos IX que o matara, Carlos que lhe fora contemplar o cadaver em Montfaucon pronunciando essa maxima excrevavel de que se lembra a historia, por isso Carlos quiz partilhar sua dita com o Papa. Não thepodiã mandar o corpo todo. Contentou-se em lhe enviar a cabeça. Porco egoista no triumpho quiz que Gregorio XIII, subindo ao throno, visse o fructo das astucias de seu predecessor.

Gregorio viu-o. Viu-o e applaudio-o. O applauso era digno do Papa.

Em quanto na Alemanha a força revolucionaria do pensamento quebrava os olhos da caecia que a Preuidia á Egreja Romana, uma forte convulsão apoderava-

se da França. Ella—a antiga Gallia, sentia tambem um odio surdo roer-lhe o seio. Esse odio tinha por objecto o Catholicismo. Era um odio intenso, que sopitado, rebentaria um dia com uma energia enorme.

Victima, havia seculos, do despotismo monarchico, esmagada pela pressão dos reis e dos sacerdotes, fofada em todos os seus membros pelas peias que lhe punham á marcha, a França—o coração da Europa, sentira-se invadida pela sede infrene da liberdade. As foitas dos livres direitos haviam sido vedadas a seus filhos. O peso de uma servidão abjecta havia-lhe achatalo o franco. A realeza e o clero delapjavam-na pela violencia e pela astucia. Porém, apesar d'esse jugo feroz, as aspirações do povo caminhavam para a luz. A França sedenta queria refrescar seus labios no manancial inexaurivel do bem. Ella queria ser grande. E para a sua grandeza faltava a liberdade.

Um dia tivera a sciencia latendo-lhe ás portas. Foi quando a invasão arabe passando os Pyreneos inundou seus campos meridionais. A sciencia veio com os guerreiros do crescente. Vinha protegida pelo Islam. Não pôde porém estabelecer-se. Os guerreiros do Norte obstaram á grande cruzada da civilização. Repellido os arabes—afugentaram a sciencia.

E contudo fora lançada uma pequena pedra no edificio do desenvolvimento humano. Essa invasão bellica que abortara tinha contido sido de uma enorme força moral. A luta das armas musulmanas parecia uma derrota para o progresso. Não o foi porém absolutamente. A sciencia fugira mas deixara germens. Quem diz germens diz reprodução. A sciencia reproduziu-se na Gallia.

A reprodução teve lugar. Foi um trabalho lento de germinação occulta. Foi lento, mas foi grande. Foi um organismo que levou tempo a desenvolver-se. Era um corpo gigante cuja formação tinha que ver passar muitos seculos.

Desta germinação rebentara um soberbo embryo—a Universidade de Paris. Nasceu essa instituição, matura avançada que no passado impellio as gerações. Formara-se o medio em torno do qual iam gravitar os intelligencias. O cometa constituirá-se e já começava a estender as infundias caudas nas azduas profundezas do espaço.

E com a Universidade de Paris veio a discussão. Com ella nasceu o combate em que a razão se adesta. Com ella a intelligencia voltou-se para a indagação da verdade. A principio o espirito caminhou ás apalpacellas como quem tateava em trevas. Nasceu porém o desejo de conhecer. A marcha do ego substituir-se-ia mais tarde a do vidente.

Era portanto a sciencia que já caminhava para o futuro. Sciencia ás vezes vã, enlucrada por estereos discussões theologicas. Era contudo a sciencia. O mal que n'ella havia tinha que desaparecer. O organismo aperfeiçoar-se-ia pela vida. Indumentar no campo seria esplendido no fim.

Quando a Renascença rebentou na Europa, quando os preciosos restos do passado hellenico se esparçaram no Occidente, já a França achava-se apta para fazer fructificar a herança do laico Imperio. A ignorancia que existia era insufficiente para tolher os passos da civilização. Alguns homems, não instruidos,

mas sequiosas d'Instrução, lançavam-se no mundo gigantesco das idéias. Havia n'elles o fio de uma futura criação.

Foi assim que, no esplendor das artes e das letras animadas na Italia por Leão X, a França respondeu com o reinado de Francisco I. Foi assim que surgiu do passado tirando as vestes da ignorancia para enfiar a fronte com o dialema da sciencia. Cessara para ella a noite. Começava a rajar o dia da civilização. Esse dia trazia consigo as aspirações da liberdade.

Tal era o estado d'esse paiz de luz quando a Reforma percutiu na Alemanha. Tal o movimento que apoderou-se dos espiritos os fazia emular rapidamente para uma revolução d'idéias.

E a revolução veio. A França teve um rei de Luthero. Esse oho foi Calvino.

Em todos os movimentos da humanidade ha homens que a natureza suscita para serem os pontos culminantes da revolução. São preparados para cabeça para que a humanidade se agite como um organismo cheio d'unidade.

Essa cabeça em França foi Calvino.

Em todas as epochas a revolução ha sido exercida pelos tyrannos. E a razão é óbvia. Toda a revolução é a explosão d'idéias novas. Essas idéias não podem para os despotas ser senão subversivas. Conjunção d'aspirações enormes a revolução não pode ter outro Noite que não seja destruir para depois fundar. N'essa destruição tem forçosamente os autocratas que soffrer. Esse soffrimento não pode por elles ser bem recebido.

A monarchia habituada a exercer em França uma autoridade esmagadora, a monarchia cujo grande apoio moral era a Igreja, de braços cruzados não podia assistir á Reforma que a ameaçava. Tinha medo de cair, e para evitar a queda declarou guerra aos calvinistas. Contra Calvino havia sido impotente, pois não o podera forçar ao silencio. Não o era porém contra aquellos que professavam as idéias do reformador. Tinha a seu serviço o arsenal da tortura. Devia portanto inaugurar uma perseguição atroz.

E inaugurou-a. Ainda na França meridional havia uns restos d'esses Vaudeses que Innocencio III e Philippe Augusto tinham perseguido com o ferro e o fogo. Foi contra elles que a riva á Reforma realizou seu primeiro feito. Francisco I.º assim o entendeu. Era tão nobre para um rei o exterminio d'esses desgraçados! Matou-os como se mata cães. O Papa applaudiu, e chamou-lhe meu filho!

Mas os Vaudeses não eram a Reforma. Eram apenas uma reliquia dos pensadores do passado. A verdadeira força a temer eram os huguenotes. Elles é que invadiam a França com suas doutrinas. Elles é que declaravam guerra aberta ao Catholicismo. Elles é que podiam salvar o throno dos successores indignos de S. Luiz.

A santa monarchia arremeteu-se então d'encontro ao Calvinismo. Perseguiu os huguenotes como se perseguia a feras. Os cortesãos da realza, transformados em matilha, lançaram-se no rasto da Reforma. Elles, os vis que á sombra viviam do throno, defendem-no como mastins. Mordem a Reforma no calcanhar.

E a guerra civil estala em França. Estronha poderosa como a erupção de um fogo longo tempo sopitado. Dilheca a França nas suas garras. Transforma os campos em matadouro de homens. Arna os irmãos contra os irmãos, os fillos contra os pais. Faz do solo o bebedor do sangue. Parece que a terra dos francezes está embragada.

Mas o Calvinismo progride. São insufficientes as perseguições de Henrique II, de Francisco II, de Carlos IX. Os huguenotes destroçados em batalhas campaes, progredem surdamente. Os Guises os generaes da Igreja Catholica são fracos para lhes obstar aos enormes progressos. A revolução engrassa em França como uma tromba marinha. O rapido

turbilhão começa a arrastar as consciencias nos seus círculos vertiginosos.

Catharina de Medicis—essa mulher excedendo que foi o flagello da França, julgou então astuta poder conciliar os dois partidos belligerantes. Quer chamoal-os a um accordo em Poissy. Reunio uma assembleia caricata onde se discutiram materias de fé. A conferencia porém de nada serviu. Depois d'ella os huguenotes mais robustos se apresentaram. As hostilidades tiveram que continuar.

E continuaram horríveis. Houve batalhas e combates sangrentos. A frente dos reformados estava um fidalgo integridade. Este homem era Gaspard de Châtillon, abairante de Coligny. Era um fillo d'essa nobreza corajosa que não conhecia o medo, Cabeça dos huguenotes defendia-lhes palmo a palmo o terreno.

Ante a força de que Coligny dispunha, Carlos IX aconselhado por sua mãe depoz as armas. Chama o abairante a Paziz e propõe-lhe a conciliação.

Coligny accreita. Elle não era miseravel que supozesse existir a traição no coração de seu rei. Tinha pela realza esse respeito estúpido que a tem feito dominar sobre as nações. Julgou que Carlos era homem e não um infame. Pousou o homem pudesse ser a abstração do rei.

E além disso, assignou-se um tratado de paz. Houve abraços de parte a parte O fillo de Catharina de Medicis deu sua irmã ao huguenote Henrique de Navarra. Estava portanto a conciliação sellada. Carlos IX abraçava Coligny e chamava-lhe MEU PAI!

E o Papa em Roma via com jubilo surtirem as suas astucias. Elle que ambiciona o plano feuchroso de seu predecessor Pio V, orgulhava-se de ver tão bom conciliadouro a Igreja Catholica. De mãos dadas com a monarchia dos Valois, esperava a resultado da conciliação. Sabia que a filha do casamento de Henrique de Navarra era uma filha de sangue.

A filha ia ser vestida nos huguenotes. A historia ia ter a registrar o maior dos massacres. A Igreja ia beber sangue. Esse sangue era o dos huguenotes.

Paris dorme profundamente. Seus fillos caçados repousam nos domicilios. A noite couvidou ao sono. E o sono, desmorolando-se pesado, cerra as palpebras dos habitantes de Lutecia.

Meia noite acaba de soar lugubrememente na Igreja de Saint Germain l'Auxerrois. A última pancada das horas foi acompanhada por um toque bellicoso. Tocou-se a rebate em Paris.

Pois que! estár em perigo a cidade dos Valois? Acaso bate ás suas portas o inimigo?—Haverá alguma revolta a suffocar, alguma rebellião a pañar?

Nada d'isso. Absolutamente nada. Os habitantes de Paris dormem e o somno nem é revolta, nem rebellião. A placidez renova antes do rebate. O rebate—eis o signal de desordem lançado durante a noite.

E todos acordam sobresaltados. Todos correm ás janellas pressurosos. Todos querem saber o que significa aquella alerta das armas. Todos espavoridos perguntam o que aquillo significa.

E nos ruas uma multidão infrene precipita-se. Ao clarão dos archotes vê-se correrem grupos de homens armados. O sino faz ouvir suas batidas lugubres. A desordem reina em Paris ha pouco calma. Uma tempestade humana desencadeou-se n'essa cidade. Acima dessa tempestade urve-se um grito feroz—Morte aos Huguenotes!

Espandido quadro esse! Tela brilhante em que se pinta a evangelica dogma da Igreja Catholica! Aquelles grupos de assassinos que vêdes correr nas ruas são os defensores da fé Catholica!—Aquelles homens são os enviados do paternal Carlos IX que manda degolar seus súbditos que são hereticos. Desejo de não apartar da salvação eterna os bons

habitantes da sua boa cidade de Paris, quer exterminar a heresia que no seio se lhe incutira. Carlos IX pretende dar o paraiso a seus vassallos. Oh! como este monarca benaventurado trabalha religiosamente pela santa Igreja dos Papas!

E ao grito de—Morte aos huguenotes, Paris é presa da carnagem. A primeira casa para a qual correm os assassinos é a de Coligny. Surprehendem o ancão e matam-no. Arrastam-no pelas ruas. Dão-lhe um funeral magnifico. Perseguem os dos os calvinistas. Matam-nos e trucidam-nos. As ruas gottejam sangue. Milhares de corpos obstruem a passagem. Sobre o Seina ficam milhares cadaveres. A carnificina é enorme. Todos os bons catholicos tomam parte n'ella. Todos querem ganhar o céu matando um heretico. Todos auxiliam a obra de luz da Igreja Romana.

E Carlos IX tambem quer tomar parte na santa empresa. Das janellas de seu palacio avulsa os calvinistas que fogem. São rei? ah! como letárgico na cruzada santa que ha paí espirital he tração!

A matança continua. Uma vozaria infernal ataca as ruas. Parece um concerto de demónios, uma orchestra do inferno. E esta symphonia horrível prolonga-se até de manhã. Quando o dia despoitou o aspecto de Paris era hediondo. Naquelle noite haviam sido assassinados mais de trinta mil habitantes de a heresia contaminata. Era pouco, na verdade—para a Igreja deviam morrer mais.

Estava consummada a obra do despoimento. Não só na capital houvera massacres, toda a França andara em sangue. Ella perdra mais de quatrocentos mil cidadãos!

Mas que importava a morte d'esses fillos rebeldes do Catholicismo? Suas vidas nada valiam. Preciso era que morressem para que a Igreja e a monarchia triumphassem.

Carlos IX conseguiu o seu desideratum.

Podia mandar ao Papa a cabeça de Coligny.

Foi santa a alegria do homem de Deus recebendo o presente. Era um mimo real.

A Saint-Barthélemy—esse massacre sem exemplo na historia, foi rebeldia com immensa jubilo em todas as nações catholicas. As tribunas de varias templos saliram eloquentes pregadores que exaltaram o acto de justiça praticado pelo rei de França.

Roma engrinhaban-se toda. As abobadas de S. Pedro estremeoceram aos seus jubilosos de brilhantes To-Deums. Os assassinos d'aquelle monte esplendida eram elevados á categoria de santos... Que santos apelles!...

A Saint-Barthélemy perde-se já nas brumas do passado. Ainda contado o povo cheio de temor aguarda todos os annos o dia 24 de Agosto.

E esse tenor é legitimo. Ainda existem as forças que fizeram essa carnificina. Ainda o povo não pode dormir tranquillo.

A realza de n'esses dias não é a do passado. Ella transiug com a revolução. Não será ella que faça a massacre. E podem muito capaz de a consentir.

A Igreja Romana ainda peza sobre a humanidade. Ainda suas doutrinas permanecem de pé. Ainda ella pode apellar para o homicidio.

O sangue foi sempre a bebida favorita do padre romano. O estomago d'aquelle tigre ainda se delicia com esse refrigerante.

So a Igreja hoje não faz massacres, não é porque a vontade lhe falte, o que lhe falta é a força. Dói-lhe e vos teréis uma outra Saint-Barthélemy.

Ainda hoje ha homens que o Papa pode fanatizar. Tremet que d'esses miseraveis elle faça assassinos. Tremet que elles se transformem em lobos.

E dos ignorantes que a Igreja pode

lançar mão. Combatei a ignorancia, e o Catholicismo não mais terá soldados.

Noventa e tres lez uma guilhotina para os aristocratas. Fazi uma para a ignorancia.

Seja essa guilhotina a instrução. Matai o mal na guilhotina do bem. Massacrai o fanatismo com a luz.

Mais uma arbitriedade do Sr. Bispo Bloccano.

No noite de 31 do mex proximo findo pelas 10 ou 11 horas da noite apresentou-se em casa do digno Sr. Dr. Chefe de Policia o morgo. Gualtero Mourão a mandado de S. Exc. o Sr. Bispo Bloccano.

Recebido pelo illustre magistrado e proveyendo superior sobre o fim de tão alta visita declarou-o o conego Mourão que S. Exc. Rev. l'humilha-lhe de pedir-lhe que mandasse alguns guardas ao Pago Episcopal afim de prendem um creado seu que, tendo commetido algumas faltas e sendo admoestado sobre ellas, mostrava resolução firme e inabalavel de suicidar-se.

Tamando o Sr. Dr. Chefe de Policia em consideração as palavras do Conego Mourão, rugurado no seu pelo papel que provavelmente representava em sua presença, prometteu-lhe que mandaria algumas praças ao Pago afim de evitar que se desse alguma incidende desagradavel.

A nesso ver a autoridade fez ao cumprimento de seus deveres e acreditando mesmo na palavra do Conego Mourão obrou com acerto o prudente subsistendo S. Exc. Rev. no pedido que lhe mandara fazer.

Introduzido a escola no Pago, isto é por 1 ou 2 horas da madrugada foi-lhe indicado por S. Exc. Rev. ou por qualquer outra pessoa o aposento onde achava-se o *condenadinho*, o *criminoso*, emfim, o individuo que o Conego Mourão em todo cuidado procurava evitar que se suicidasse.

Os soldados preparados dirigiram-se ao lugar indicado e qual não seria a admiração que apoderou-se d'elles ao encontrarem o *criminoso* dormindo tranquillamente, persuadido de que nada tramava-se contra si!!

Despertado pelos passos da força, levantou-se e busca saber o que tinha acontecido. A resposta que lhe deram foi condizente-a para o antigo quartel de pedrestes, onde permaneciam alguns dias não como preso, mas como reido.

No dia seguinte espalhou-se a noticia de que S. Exc. Rev. tinha sido roubado. Uns fixavam a quantia subtrahida em dois contos de reis, e outros, parecia que achando pouco, chegavam a eleva-la a dez.

O *Diario de Miracabão* chegou mesmo a dar noticia do facto em vista dos boatos que a esse respeito circulavam na cidade.

Os novelheiros, os commensaes, os esportistas, mesmo de S. Exc. Rev. foram os autores dessa noticia, apontando como criminoso o mordomo de S. Exc.—Zacharias Marcóndes Nogueira.

A comedia preparada por S. Exc. Rev. ha produzindo algum effeito devido aos perigosos actores incumbidos de a representarem.

Completamente desencagado, esperando saber o que acontecera, achava-se a pobre victimia recuada no antigo quartel de pedrestes, afim de aguardar a chegada do vapor do acorte que o deveria conduzir para S. Paulo (sem terra nãta), a mandado de S. Exc. Rev. Vendo-se, porém, completamente só, sem juicos, despreocupado de tudo, até de sua propria rampa que não lhe tinha sido enviada por S. Exc. Rev., não obstante haver-lhe prometido na noite da prisão que a mandaria no dia seguinte; privado de toda e qualquer communição com seus compariados e colegas e o despresaram ficando a colera do Sr. Bispo, lançou mão de um nãmo meio—recorreu a ma dos membros desta realção, mandando-lhe pedir o obsequio de appa-

receber-se visto achar-se sem recursos o seu peccado...

Corremos em seu auxilio e scientes do tudo que si tinha passado...

Em converso declararam-nos S. S. que o Sr. Zacharias não acbava-se preso...

Offendi de S. S. a ordem de que o Sr. Zacharias poderia sair do lugar...

Eis o resumo do acontecimento. Agora tratamos de apreciar com toda imparcialidade...

Qual o fim que teve em vista S. Exc. pedindo ao digno Sr. De. Chefe de Policia...

Procuraria evitar com isso que elle se suicidasse? Creemos que não.

Acaso seria bastantem para isso somente a palavra de S. Exc.?

Minda cremos que não por mais valiosa que ella possa ser.

Si S. Exc. tinha plena certeza de que o sr. Zacharias era o verdadeiro author...

Respondera S. Exc. que si proceder assim foi para não fazer mal ao accusado...

Por esse facto descripto, não vae bem S. Exc.

Si reconhecendo no sr. Zacharias o verdadeiro culpado, não queria prejudica-lo...

A transigencia do acaesado do Paço Episcopal para o quartel de pedrestes...

O publico todo conhece quaes as intencões de S. Exc.

Julgaria talvez que a victima, tendo a consciencia tranquilla, se retiraria calado...

Pensará acaso S. Exc. que não existe no homem o amor á dignidade, á honra e á reputação?

Embora a nosso ver S. Exc. nunca pense nem n'aquillo que faz, contando não acreditamos que seja capaz de avançar a tanto.

Porque queria evitar que a victima se defendesse? Si não queria-lhe mal, deveria recorrer para a sua justificação...

Si pelo contrario tencionava perle-lo, punil-o, castigal-o, da grande falta que commettera, recorre-se, como ja disse-mos, ás autoridades competentes...

Mas não, S. Exc. Rvdm. nada disto fez. Pructon-se de uma maneira digna de toda censura e impropria da posição que occupa.

Foi victima mais uma vez da curta e escura intelligencia de que é dotado e

da falta de reflexão que costuma presidir a quasi todos os actos praticados por S. Exc. Rvdm.

Collocou-se em pessima posição. Feliz comprehendir de alguma maneira ao publico que o roubo de que se diz victima não passa de uma chumbara...

Reconhecia bem S. Exc. Rvdm. si é ou não falsa a posição em que se acha agora collocado e se torna ou não dividido o papel que agora está representando.

S. Exc. que é, embora melancolicamente, uma dignidade altamente collocada, que deve ser tratado e amado como o seu rei-nado, porque não perdout a victima se reconhecea culpado?

Si tem mau coração, se julga-se incapaz de praticar uma obra de caridade, por menor que ella seja, porque não procura aprender na historia tantos rasgos de generosidade, tantas acoes bonavezes praticadas por verdadeiros pastores...

Force, tente illustrar sua mesquinha intelligencia, procure todos os meios de merecer o respeito, a gratidão e a amizade do povo e não de motivo a ser odiado, despedido, o desprezado a todas as occasões.

Si nada lhe aproveitam nossas palavras, as boas intencões que temos para com S. Exc. Rvdm. então retire-se para longe, abandone o cargo que occupa...

Não venha desar neither a S. Exc. Rvdm. em declarar que não se acha em forças sufficientes para representar o papel de que o incumbiram.

Talvez S. Exc. Rvdm. ainda seja feliz em outra qualquer carreira que tenha desejos de abraçar.

Ampla é tempo. Emende-se ou deixemos em paz e tranquillidade.

A redacção deste jornal protesta ainda contra mais esta arbitrariedade, unico qualificado que mereceu os actos de S. Exc.

Mais esta vez em linguagem branda e moderada advertimos a S. Exc. que obre com prudencia, pois não temamos de maneira alguma combater toda e qualquer pressão que S. Exc. tente exercer sobre o povo.

Nós somos o povo, e o povo é sempre tremendo e fervido no dia de sua vingança.

Ilha.º Sr.ºs. Relectores do «Pensador».

Surpreendido na noite 1.ª do corrente por uma escolta de soldados, que a requisição de S. Exc. Rvdm. me fora buscar ao Paço Episcopal, para conduzir-me ao quartel de São João...

Baldo de recursos, completamente extranho a esta Provincia, onde quasi ninguém me conhece, seria ingrattido da minha parte senão desse um publico testimonio do meu reconhecimento á tão generosos mancebos, que sem interesse

e só por grandeza d'alma praticaram comigo aquillo que não fizeram os meus desleas amigos.

Maranhão, 7 de Fevereiro de 1881 Zacharias Marcondes Nogueira. —Reconheço a assignatura supra, feita na minha presença, do que dou fé. Maranhão, 7 de Fevereiro de 1881. Em testemunho de verdade O Tabelião, Satarcioo Bello.

ECHOS DA RUA.

1) individuo mandado prender pelo bispo, sem nota de culpa, e sóto por intermedio d'O Pensador... Este acto exemplar parece mais acto de Lobo, que de Pastor.

Os pretendentes a deputado são todos e podem com tanta humildade, que fazem lembrar os pedregulhos das portas das igrejas em dias de festividade.

O perigozo impartido tomou a nosso conselho e já escreve as suas cartas em papel fino e macio.

Frei Magrão—esse hypocrita santarão, que affecta não poder com uma galta pelo rabo—já foi, não ha muito tempo, desordeiro de Theatro e um dia mais furioso.

Uma occasião quando representava no tal Paços de quem Magrão não gostava, levantou-se este, tope-a em uma cadeira e grita:

Cesse tudo quando a antiga meza canta. Que o Pontes com a moleta se levanta.

No entretanto hoje esse tartufo condemnou o Theatro em seus seraphicos sermões!!!

Na ultima viagem de regresso ao Brejo, a agua acionada pela roda bailla do momento amarrada e cuspiam-se por uma fresta para o convés do Vapor.

O vigario de Páezana não tem ingresso nas passagens de recreio maritimo, por causa do seu fabuloso appetite!

Tem razão o empregatario. Se elle, em terra, debaixo de uma atmosphera pesada e depois do jantar, come 56 passoleis e 4 pães!

Thoure festa no Seminário, já se vê á custa dos meninos e lá esteve a chiapa do costume:

- D. Geriba—o illustrado, João Monca grande—o empador, Frei Magrão—o munião, Frei Tabarão—o pregueiro, Frei Miranda—o gualpala, Frei Ozório—o namorado, Frei Marinho—o cara de helachia, Iribat—o desinteressado, Páezana—o camião, Sr.ºs. Páezas—o aproveitá, A cachaibulo, seu patzabac e seu bando.

Na festa do Seminário houve theatro e quando D. Geriba enthusiasmado applaudia, o bando de Santo Antonio o imbrava, sobresaltando seu Páezas com uns enormes «navassuassos».

Este sr.º Páezas é das Arabias. Seo Páezas, que tão amigo se dizia do

solinho do bispo e da sua boica, não o vizitou uma unica vez em S. João, onde esteve ilegalmente retido!

O perigozo impartido, depois que insultou o publico maranhense em seus pasquinhas pequetas, só passava a carro!

A cachaibulo—o cã n.º 26 elogiando o digno Tenente Coronel Francisco Xavier de Carvalho, chama-o catholico sincero, não obstante ser elle mago!!!

O miseravel impartido louva os padres do Seminário pequetas, por terem, no dia da festa, tratado bem os seus convidados!

Consta que o nuncio conhecido Tio André—agente vicibondar—está fazendo collecção da Vozes, por causa do seu impartido e caprichoso «Buzar litterario»!

Pergunha a Cachaibulo nos seus enigmas: «Qual é o animal que anda com 4 pés?» Resposta d'O PENSADOR: «O João Tolo-em-tua Galinha Abrião».

Dizem os meninos das Metrés que o bispo quando pronuncia o nome de sua terra natal diz São Paulo.

Tendo sido caridosamente despedido o mordomo do Paço, o Vigario de Proconho offerreço-se para o cargo, com a condição d'acumular tambem o de despenheira.

Este vigario zela mais a ventre, do que os bentinhos.

O perigozo impartido diz no seu ultimo pasquinha contra macos, «que é um insulto á sociedade o curruco» escreve para jornales.

Porque será esta ogeriza do João Montro-Grande contra a classe caixeiral? —E que os caixeiros cobram e João custa a pagar as suas, que compratiado...

«Movimento dos Temples»—Santo Antonio na sexta-feira ultima: Beatas sem namorados... 11 Ditas da sacristia... 18 Dita de Santa Catharina... 1 Dita da Luzitana... 1 Theozauria—grusa... 1 Zeladora—larga... 1 Grande chefe coxé... 1 Seo pasquinha macabroso... 1 Jesuitas—trilicantes... 3 Curiosos diversos... 3 NB: Sr.ºs. Páezas foi e até se assoou.

Prata semanal das visitas de D. Geriba ao Convento: Janeiro—1881.

30—Entrou ás 7 horas, ás 8 confissão a Josepha, ás 9 tomou chocolate em companhia de D. Colônia, ás 10 lóo o n.º 15 d'O Pensador, ás 11 tomou Botily, ás 12 jogou prendas, a 1 lóo o catholicois, a 1 1/2 entou-se na rede e dormiu e ás 2 sahiu com 1 infantil e 2 fortunhões. Neste dia

(*) João oha que a palavra escreve-se assim—cu-xei-ro e não cu-xei-fo.

seu Pareza foi a missa.

31 - Não foi por estar cogitando a prisão do parente.

Referência.

- 1- Não foi porque prendeu o parente.
2- Entrou às 7 h2 e saiu às 12 h2 com Hornigão.
Neste dia seu Pareza foi a missa.
3- Não foi cheio de remorsos por causa da prisão.
4- Idem idem.
5- Não foi porque teve um acesso de gallomania.
6- Não foi e mandou o padre Teixeira.
E seu Pareza não foi a missa porque não estava lá a Gercha para o ver.

Sovic Poupardue.

GERONIMA.

Eninha nos amores quem e que não tinha
e nas longas viagens, Amor não faz mal.

Caetano de Alencar.

Quando em há hora s. exe. o senhor D. Antonio de Alvarenga muito illustrado e popular bispo de nossa diocese, accitando esse alto cargo, destinava-seza esta provincia, resolveu trazer consigo, como criado, um sobrinho seu, bastardo, Zacharias Marcundes Nogueira—moço secco da carne e encorrido de gambas.

E nos primeiros tempos da gloriosa governamentação de s. exe., tão completa e segura foi a paz religiosa e domestica entre o tio e o sobrinho, que todos, até me, attribuiram esse facto a influencia da nacionallidade, a identidade do sangue e a sympathia dos genes.

Porém (infelizmente tomou um porre) Marcundes, a quem a natureza dotou de um coração ardente e de uma idiosyncrasy, em que actuava orientalmente o sangue, e a bílis e a pituita, cravou um dia seus olhos negros em uns olhos luminosos e sentiu-se tomar daquellas vagas tristezas, tão sympathicas aos amantes infelizes.

S. exe. o bispo, percebendo que seu fidalgo deixava-se possuir por semelhante tentação, admoestou-o com boas palavras e palavras avisadas—olha lá, meu rapaz—tem mão em ti! porque, si não tiveres senão muito capax de atar contigo por cá e então terás para peras!... isto por cá não é lá como S. Paulo — aqui has-de precisar de quatro vintens e não teres quem os des! Vê lá o que fazes!...

Mas o diabo do amor, com a sua proverbial-surremonio, tinha já completamente escravizado a pobre Marcundes, de tal feição, que aquella, por quem seu peito estremecia, patenteava já voluntemente que em breve daria a s. exe. revind. mais um parentezinho natural.

O desatendido tio em breve soube do occorrido e viu, com olhos espantados, a escandalosa rotundidade da cumplice de seu sobrinho.

Então o tio Antonio correu as gavetas de Zacharias e lá encontrou as provas autenticas do delicto—cartas a senhora Alexandrina, recibos da casa occupada pela senhora Alexandrina; enfim não havia que duvidar—Zacharias, aquella criança, que parecia tão terna e innocente, estava para ter um filho, quer dizer, estava para ser pai!

E o tio Antonio encolheu uma lagrima com a manga da batina e deixou-se cahir na chaise-longue, com a cara engebiada pelas mãos. Mais tarde, quando a dor já tinha purgado todo o fel, o infeliz tio mandou chamar o conselheiro da mitra e resolveu communicar-lhe tudo.

Horresco referens! exclamou o conego Guedelha, depois de ouvir a narração da escandalosa—Sim senhor! esta foi de mestre!

—Mas o que lhe havemos de fazer, conego? e que lhe havemos de fazer?...

—Or essa! faga com seu sobrinho o mesmo que faz com o gallo do convento—penha-o no alto da rua. O delicto é o mesmo—a punição deve ser a mesma!

—Ai! o gallo! padre! não me falte nesse maldito!...

E s. exe. tornou-se livida.

—Animo! disse o conego, reciosos que vultasse o delicto do Natal a s. exe.—Animo, meu amigo! um homem é um homem! e um gallo e...

—Um bicho! já sei! Mas como havemos nós de por o homem fora?—voce sabe que estas pensadores não me perdoam coisa alguma!

—Ora, desculpe, tio Antonio, mas v. exe.

as vezes até me parece ponga!—Quer deitar o homem fora! Que diabo! deixe-o por minha conta!

E á meia noite do dia 1.º deste mez, uma carruagem sinistra, puxada por dois cavallos negros como o crime, atravessava verginosa-mente a cidade.

A noite era escura—as pedras da rua faziam no attito da ferradura dos animaes. De repente a carruagem mysteriosa parou á porta de s. exe. o dr. chefe de policia e um homem vestido de negro, capa traçada, olhar severo e gestos resolutos, sahiu com passo firme as escadas de s. exe., e pediu-lhe uma força—havia no palacio episcopal um desgraçado hydrophobo, que se queria matar!

Disse-lhe Bonaparte no club dos Congressos!

S. exe. cedeu duas soldados—era pouco—Bonaparte queria mais!

E á uma hora dessa mesma noite Zacharias, que dormia snegadamente, foi surpreendido por uma esculta, que á respigação da s. exe. revind. o recebeu no antigo quartel de pedreiros.

Os soldados voltaram rinda da quichotada. Zacharias, preso á primeira noite no zódrax, entre os presos escravos, e depois foi removido para o andar superior da estação de policia, donde se devia sair para bordo de vapor do sul. S. exe. revind. pagaria-lhe generosamente a passagem para S. Paulo, no caso que elle se conservasse estada e esperasse resignadamente, no lugar em que estava, a hora da partida.

Zacharias passou mais cinco dias na policia, onde só recebeu do tio uma carta consoladora, na qual sua Exc., naquelle portuguez engrugado que faz confusões, mostrava-lhe muita duzia de bons conselhos e dizia pelear-lhe todas as fútes.

Zacharias Marcundes desejava tambem, ao que parece, além dos conselhos do tio, um pouco de carne e algumas batatas; sonha este que foi realzado, graças ás boas entranhas de dois paes, que, por occasião de vizitar Zacharias, deram-lhe espontaneamente 50. Não denunciamos os autores desta boa acção para não os prejudicar.

Por este tempo publicava o Diario do Maranhão á extranha noticia de ter sido sua exc. revind. roubado por um seu criado em que depositava confiança; e que o ladrão oclava-se preso.

A noticia, como é natural, cabio no dominio publico e tomou serias proporções—dizia-se a principio que o roubo era de dois contos de reis, depois disse-se que era do dez, e finalmente de doze.

Nos esperavamos o processo e as respectivas publicações policieas para poderemos graduar nossa lamentação, queriamos saber si deviamos lamentar s. exe.—muito, pouco, ou muito pouco.

Porém os jornaes nada mais disseram a respeito, e nós chegamos a desconfiar que a tal noticia do Diario era um carapelleo, como outro qualquer. Eis sendo quando, apparecemos em casa uma rapariga, que vinha da parte do senhor Zacharias Marcundes Nogueira, prezna na estação do Policia, dizer que a referido presa desejava muito falar connosco, e poder-nos o obsequio de chegar onde elle se achava.

A rapariga estava grávida e chorava.

Fomos incontinenti e ouvimos a narração do que fica escripto, terminando Zacharias por pedir a redacção do O Pensador se dignasse dispensar-lhe alguma protecção e procurasse abster-lhe a scultura.

A redacção do O Pensador não fez ouvidos de mercador e enviou dons de seus membros á casa do exm. dr. chefe de policia, que, depois de arrol os com toda a delicadeza, mandou immediatamente soltar Zacharias, e explicou que este não estava preso e sim detido na policia, á falta de outro lugar mais adequado, por haver o mesmo Zacharias tentado contra seus proprios dias.

No dia seguinte, domingo, 6 do corrente, ás 2 horas da tarde, Zacharias Marcundes Nogueira era posto em liberdade.

Ora ali está o que sabemos a respeito do Marcundes, ali está o que ouvimos a respeito de seu qstão.

Si o exposto é ou não verdade, não podemos affirmar—si Zacharias é culpado ou innocente só Deus, elle e o bispo o sabem e a policia devia tambem saber.

Talavia, á julgar por sua physionomia calva, a decidir pela simplicidade da suas palavras, e principalmente atendendo á que o supposto culpado é sobrinho de s. exe. revind., não podemos nem de leve suspeitar que Zacharias tenha a boca da ladroeira, porque cada um puxa em geral aos seus e, si Zacharias puxa ao tio, será quando muito um homem ingenuo, porém nunca um ladrão.

Não nos consta por ora que o tio Antonio tenha, a imitação dos padres de Minas Geraes, feito máe leve em alguma coisa de valor.

Mas a grande qstão, a maxima qstão, aquella que nos leva a encommendar-nos com Zacharias, é o motivo que nos faz levantar o acouteamento do do-presu em que estava, para o collocarmos palpitante e pintado do novo nas columnas desta jornal—é pura e simplesmente a falta da illegalidade do procedimento de s. exe. revind. e o modo extravagante por que s. exe. revind. desrespeitou nossas leis, atarando a sociedade na sua arteria mais vital.

—Não é assim que se priva um homem da liberdade! Ah! lá, camarada! que ainda ha por cá alguém que se accommoda com estas ninharias, alguma que defende as leis e denuncia os oppressores!

Pontomos as causas nos seus eixos:

—Das duas, uma—ou Zacharias roubou e s. exe. revind. devia ferir-lo a sua queixa e appontal-a legalmente á policia, que procederia nos termos da lei—ou Zacharias não roubou e s. exe. revind. commetteu um attentado contra a liberdade individual de um homem, cuja presença não lhe convinha.

Mas não se admitta que, sem uma queixa, sem um corpo de delicto, sem um inquerito, sem algum fura d'horas em eladado no cadete, que o torne por bem obter incommuniavel e que se tente abrir a porta do carcere para transportal-a para o porão de um navio, como ven, tendo um libão turivel para o resto de sua vida e segundo do andamento de uma provincia inteira, que vê nelle segurar um ladrão.

Quê fica então a Reforma Judiciaria? O quepodeo criminoso hoje por ventura pildado em flagrante delicto?! Proxmo por ventura s. exe. revind. a crime de Zacharias?!

Não! nada fez, disse apenas que o homem vigiar matar-se e para evitar isso, em vez de o vigiar e sequestrar, ou entalgar-o a algum hospital,—fecho-o em um quarto da policia, acoberto inteiramente com as cordas de sua rede, magnificas para uma enfermeida.

S. exe. rev. para restabelecer o seu credito, para assentar e juro suspenso do publico desta capital a respeito da prisão de Zacharias, para enfim fazer com que nos possamos saber si s. exe. amado amigo do delicto e não muito amigo da arbitrariedade, só tem um meio—provar que Zacharias a roubou!

Em quanto não provar temos s. exe. como um delinquente, como um homem arbitrario, ignorante e desrespeitador de nossas leis, como um filho da lei despotico, capaz de lançar mão das medidas mais inquisitorias para realisar suas vinganças e cevar seus odios partidarios.

O que nos pode obstar de suppor que s. exe. perseguio Zacharias, levado pelos ciúms? Sim! S. exe. nada provou!—mandou prender um homem porque esse homem se queira matar, mas o facto de Grac Zacharias só na prisão, sem dar termo aos seus dias, tendo alihi nas os instrumentos para isso, prova o contrario. O Diario por outro lado declarou que esse homem foi preso por ter roubado ao amo, e s. exe. conservando-se calado confirmou essa noticia, sem entado apresentar uma prova. Ainda por outro lado um sequep de s. exe. explicava a ausencia de Zacharias, declarando ter este se retirado para Alcantara em tratamento de beri-beri.

O que havia de verdadeiro em tudo isto? Quem seria o verdadeiro delinquente? Zacharias teria roubado ou o bispo teria mentido?...

E' o que é necessario resolver!

Urge decidir qual dos dois mereca castigo—o tio ou o sobrinho! Precisamos descarregar nosso desprezo sobre o ladrão ou sobre o canalha!

Tot das duas é a réu!—não queremos fazer juizes temerarios de nenhum! E para isso, que s. exe. ponha os pontos nos II, que s. exe. esclareça a qstão, que s. exe. nos illustre, para que possamos continuar a suppal-incapaz de semelhante attentado contra a justiça, contra a liberdade e contra a religião de Christo.

Em quanto não puzer os pontos nos II, var-nos-hemos constrangidos á suspellar da integridade do caracter de s. exe.

Tudo isto que vos dito condemnamos o facto commeto com respeito ao que é da lei, ao que é de obrigação civil.

No tribunal da consciencia, no jury da alma, a coisa muda de figura—o facto torna-se mais carregado e exalta no choro mais remissivo. N'aquelle que o codigo em a constituição não previo, porém que existe em nós, na dignidade do cargo que occupamos, no compromisso que aceitamos para com a sociedade, quando nos é confiado um mister

elevado e serio, assim como o de pastor de uma diocese—ahi a prisão de Zacharias deixa de ser um delicto judicial, para ser uma immoralidade ecclesiastica.

Admittido que Zacharias tenha furtado, admittido que s. exe. revind. fosse illudido na sua bôlvé por um sobrinho em quem depositava inteira confiança, acaso devia prendel-o, ainda mesmo que o fizesse com toda a legalidade e bon obsevancia das leis?

Não! não! porque um sujeito que mando prender um homem, seja este quem fór, pela falta de haver esse homem quebrado-lhe certa quantia—este sujeito será um bom finuiceiro, um bom zelador de seus interesses, será tudo o que quizerem, mas nunca será um bom bispo!

Si fór um bispo é um bispo hereto, um bispo de estragado, que não está na altura philosophica de seu cargo, e não comprehende seus deveres piosos e philanthropicos.

Um bispo, ao exemplo de Christo, não deve punir, não se deve vangloriar, apenas deve ensinar, corrigir com as praticas de seus virtuos; deve, com a moral de seu pastor, fazer de um ladrão um arrependido.

Si Zacharias era como effeito um ladrão, s. exe. em vez de o encerrar na policia, em vez de castimal-o a odiar seus semelhantes, em vez de injetar-lhe no coração a raiva destruidora como a terra—devia chamal-o a si, apontal-o a seu lado, mostrar-lhe o reu e pedir a Deus perdão para o desgraçado.

Isso é que é ser pastor, isso é que é ser bispo! Foi isso que nos ensinou S. Bernarido, refugiado em Clairvaux, para fugir das riquezas de Cliter e abrindo seus olhos e seu coração á todos os infelizes. Foi isso o que nos ensinou S. Domingos, vendendo tudo para acudir aos pobres, a ponto de um dia, quando mais nada lhe restava, dejejar, no heretismo de sua fé, vender-se como escravo para socorrer uma mulher mázaravil. Foi isso o que nos ensinou S. Francisco de Assis, quando, na poesia de seu amor e de sua entrega, sahia pelas florestas a beijar as arvores, a dirigir-se aos passaros e aos peixes, n'uma linguagem doce como o olhar de Jesus. E esse era alheio a tudo que respirasse vaidade e riqueza, e só vivia para convolver toda a criação, tudo o que Deus houvera creado, desde o mais subtil merilhão até o reptil, n'apelle amor profundo, inmensamente casto—infinito e puro como o em da Judéa.

Foi assim tambem que Victor Hugo entendeu o bispo, quando no Os Miseraveis encarnou-o na figura angelica de Bemvidio—aquele bom homem, que fez do galé Jodo Valjean um satra!

Jodo Valjean tambem tinha roubado e Bemvidio, além do perdal-o, protego-o.

Muitos destes exemplos nos atiram do passado uma bafurada morria e suavemente perfumada, que nos fazem acreditar nos homens privilegiados por Deus, para ensinar-nos a amar o proximo, para ensinar-nos a sermos fortes, bons e resignados. Mas não será certamente s. exe. que nos volte os olhos para o reu, mandando metter um sobrinho na estação de policia e recambiando-o para S. Paulo, porque sabemta que esse sobrinho furtaralhe não sabemos quantas patacas.

O que é a negueira! S. exe. prende Zacharias por amar de alguns mil reis; quando ao entado um homem que o tem roubado, não o vil e inconstante delinheito, mas o soco do espirito, o conforto da consciencia, e com isto a reputação, o prestigio, a dignidade, e por bem dizer a individualidade commum a todo o qualquer typo—á esse s. exe. amodia seu Vigário Geral e, si não o trouz sempre ao prescoço, é porque, supponho, o prescoço de s. exe. é um tanto fino e o vigário é um tanto grosso.

Si fosse fielto enviar daqui um conselho a s. exe., diriamos—O senhor lasqal deixe seu sobrinho em paz, homem! e mande o seu vigário do presente ao Papa!

EXPEDIENTE.

Além dos jornaes, com que já eramos honrados, pelas respectivas redacções, recebemos mais:—O Correo do Natal, Rio Grande do Norte, Barceis do Dia, da Corte, e O Mitoar Sol Mineiro, de Minas Geraes.

Agradecemos e com prazer remetteremos o n'pso modesto periodico.

Mraanhão.—Impresso no Typ. do Frias.